

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Folha de São Paulo*

Class.: 325

Data 31 de maio de 1984

Pg.: _____

O espaço na moradia indígena

LIGIA SANCHES
Da nossa equipe de reportagem

Estrutura de casa dos índios Yawalapiti



Um membro dos Apalai constrói o beiral da casa do tipo Otoman

Sentada tranquilamente em sua casa, terminando um cesto ou uma esteira de palha, uma índia controla o sono do bebê, a comida no fogo, o menino do vizinho que pode querer furtar cocos. Naquela moradia o espaço interno, único, tem sua razão de ser: tanto quanto a maneira da população planejar e construir a própria aldeia: quase sempre circular, englobando pátio central comum, inúmeros caminhos do mesmo comprimento que levam às habitações iguais e depois à chamada periferia, onde se localiza o processo de produção local. Não existe cerca, muro ou grades, e a expressão "é proibido entrar" não está no vocabulário. Os índios visitam-se constantemente e a criança dispõe da chamada "carta branca" para ir, vir e ficar.

"Habitações Indígenas", editado pela Nobel (196 págs., CR\$ 8.600), focaliza a organização social do espaço doméstico em algumas sociedades indígenas brasileiras. São seis artigos escritos por antropólogas, uma delas — Sylvia Caiuby Novaes — responsável pela organização do volume, que terá noite de autógrafos a partir das 18h30 de hoje, na rua Maria Antonia, 108. Lá, também está instalada mostra de fotos de adornos em índios e desenhos de autoria de vários integrantes de tribos diferentes, onde se recria sobre temas como brinquedo, enfeites, peixes, plantas. Material colhido pelas autoras Maria Elisa Ladeira (Timbira); Aracy Lopes da Silva (Xavante); Lux Vidal (Kaipó-Xicrin/ Parakaña); Cristina Sá (observações sobre habitações); Dominique Gallois (casa Waiápi); Lúcia Hussak van Velthem (Wayana); e a própria Sylvia, escrevendo sobre os Bororo.

Dominique Gallois, diretora do Museu Plínio Airoso, da USP, de onde saíram algumas peças — esteira, cesta, instrumentos musicais, adornos — para a mostra, vê a importância da obra, aumentar por reunir tantos grupos diferentes. Ela própria pesquisadora dos Waiápi desde 1977, salienta o aspecto coletivo das habitações e sua extrema mobilidade, mas lembra que o branco já deixou ali (Amapá) alguns rastros, como a introdução de portas e janelas; ou seja, "privacidade". Nada de novo. Os Xavante, há muito tempo, tiveram a "sugestão" de utilizar divisão de compartimentos, o que absolutamente não os alegria. Claro. Como acompanhar a movimentação geral cercado por paredes?

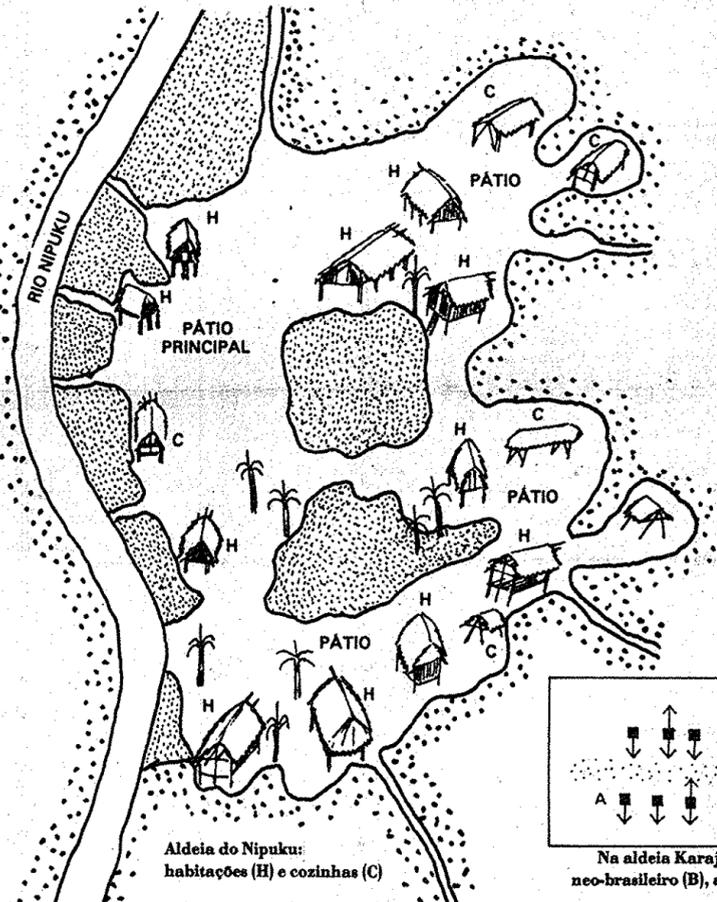
Trata-se, sem dúvida, de uma concepção de vida bastante diferente da "dos brancos". Convidado a conhecer a exposição e o livro, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha emocionou-se, como a cantora/compositora/ pesquisadora Marlui Miranda, ocupada ultimamente em terminar o disco promocional (com pesquisa de Betty Mindlin) sobre a música dos Suruí, de Roraima, para onde ela tem ido algumas vezes, ao lado do fotógrafo Marcos Santilli, que estuda a colonização amazônica.

"Sua arquitetura é tão competente quanto a nossa, apenas eles não têm registro analítico desse processo", observa o arquiteto. Paulo Mendes da Rocha nota o esquema de uma habitação Yawalapiti (Alto-Xingú), que tem aldeia em forma de círculo, também, mas inclui no pátio central uma cerqui-nha baixa, determinando a sepultura dos homens de prestígio. Sua casa, retangular, ampla, sustentada por pilares de madeiras de várias espessuras, se assemelha a um grande galpão, com teto precisamente marcado pela cobertura de folhas simétricas.

Os índios são observadores e só constroem em áreas cujas condições de terreno permitam seu bem estar. Os Apánieka (Maranhão) escolhem chão não pedregoso mas fazem questão do curso d'água. Erguem sua morada (coletivamente, como é costume entre os indígenas) com babaçu, inajá, folhas de palmeiras. De sua parte os Xavante (Planalto Central) espicham o conceito do círculo (nas casas, na aldeia, dando o mesmo peso social a cada morador) para o interior, construindo mesias redondas, onde se reúnem às refeições.

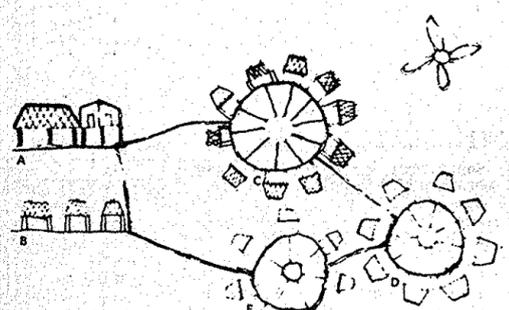
"Os Suruí têm uma cantiga de fazer casa", lembra Marlui Miranda.

Paulo Mendes da Rocha observa uma fotografia de uma casa, onde a decoração externa é feita com padrões alucinatórios: isto é, a partir dos esquemas desenhados na areia após a ingestão de determinadas ervas. Marlui ressalta o valor do mágico na criação, embora reconheça que toda atuação indígena (rituais, medicina) tenha uma finalidade concreta, misturada ao dia a dia. Não é só isso que toca o arquiteto Paulo: "Me revolta o costume de diferenciar tudo, como se a mágica não fosse inteligente. Índio não é outra coisa, somos nós. Acho que deve ficar claro que são duas políticas diferentes, e a deles evidentemente, está voltada apenas ao bem do homem. Eles jamais fariam uma Cubatão. E quando sofremos, nos surpreendemos com eles, continuamos vivendo a tragédia do processo de conquista, não sabemos fazer raciocínios para a proximidade dessas duas realidades".

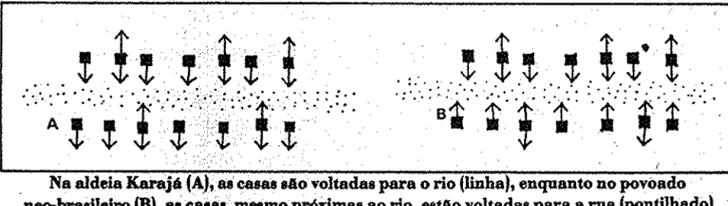


Os Pataxós, no próximo romance de Jorge Amado

Da Sucursal de Salvador
"O crime sem medida. O genocídio". Assim o escritor Jorge Amado se refere à situação da comunidade indígena de Pau Brasil, no Sul da Bahia — região rica em cacau e especiarias — composta por remanescentes dos Pataxós Han Han Haen, Baenan, Botocudos, Kamakan, Tupiniquim, Menians e Kiriris.
Em carta enviada na semana passada à ANAI-BA (Associação Nacional de Apoio ao Índio, seção da Bahia), o escritor diz: "Os Pataxós e sua luta me preocupam tanto que no romance que estou escrevendo falo neles". E acrescenta: "Os índios estão sendo vítimas, na Bahia, mais uma vez, da violência mais brutal, do terrorismo mais monstruoso, do roubo mais indigno: invadir, assaltar, ocupar suas terras e tentar liquidar com os sobreviventes de outros massacres anteriores."
Para Jorge Amado, "vale a pena recordar o sucedido nos idos dos anos 30, quando as mesmas forças que mantêm a exploração da terra no Brasil, em métodos feudais, tentaram acabar de uma vez para sempre com os índios Pataxós. O fato volta a repetir-se, o crime sem medida, o genocídio: os Pataxós estão novamente ameaçados nos seus direitos mais sagrados à terra que lhes pertence e à vida livre que buscam manter, mantendo seus hábitos e sua cultura. Já é tempo de dizer basta a essa situação infame. Já é tempo de impor a verdade e exigir respeito à propriedade dos Pataxós e de todos os índios ainda existentes no Brasil. Protestar e exigir é uma responsabilidade de todos nós, brasileiros".



Desenho feito por uma índia Canela, representando a distribuição da cidade de Barra da Corda (a), da aldeia Guajajara (b), aldeia do Ponto (c), aldeia de Porquinhos (d) e aldeia da Taboquinha (e)



Na aldeia Karajá (A), as casas são voltadas para o rio (linha), enquanto no povoado neo-brasileiro (B), as casas, mesmo próximas ao rio, estão voltadas para a rua (pontilhado)

SILVIA HELENA SIMÕES BORELLI
Especial para o "Folha"

HABITAÇÕES INDÍGENAS de várias autoras. Nobel/ Edusp. 196 págs. CR\$ 8.600.

Em busca da percepção do espaço nas sociedades indígenas, explodem outras interpretações — sobre a casa e a aldeia, o universo feminino e o masculino, o domínio privado e o público, as mudanças e as transfigurações, a economia, o parentesco, as relações de poder e a visão de mundo — nesta coletânea bastante original: "Habitações Indígenas", organizada pela antropóloga Sylvia Caiuby Novaes.
Aos nossos olhos perfilam-se diversidades e semelhanças: desde diferentes grupos indígenas como os Bororo, Timbira, Xavante, Kaipó-Xicrin, Parakanã, Yawalapiti, Karajá, Waiápi e Wayana, até um peculiar conjunto de autoras — a própria Sylvia, M. Elisa Ladeira, Aracy Lopes da Silva, Lux Vidal, Cristina Sá, Dominique Gallois e Lúcia Hussak van Velthem — que se aglutinaram, talvez em busca de um (re)conhecimento da casa, universo secularmente marcado pela predominância do elemento feminino. E em Bachelard que foram buscados parâmetros que definem a noção

mais geral de "casa": a casa, concebida enquanto "imagem poética que emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, da essência humana presa à sua realidade (...) um espaço vivido pelos homens no seu cotidiano e na sua imaginação".
Para nós "civilizados", a casa no interior desta perspectiva é, por excelência, "uma das referências para elaborarmos nossa identidade". E ela que nos "localiza no espaço".
Para as populações indígenas contido, o referencial se amplia: não é a casa e sim a aldeia, "o ponto de referência a ser tomado para a elaboração da identidade".
A casa deve ser analisada no interior de uma organização social mais ampla, onde produção, consumo, reprodução, relações de parentesco, poder e representações orientam os limites da aldeia e delimitam o cotidiano e o universo do vivido. A aldeia é mundo de homens e de mulheres. Região dividida e polarizada entre pátio e periferia, centro e esfera doméstica, domínio público e privado, local de atividades masculinas e de atividades femininas.
De um lado, o universo da cultura, onde os homens aparecem como responsáveis pelos rituais e pelas representações que atribuem significados à realidade cotidiana; de outro, as mulheres, em um ambiente de mutações aparentemente naturalizadas — naturalização, na verdade, resultante de um específico referencial cultural — como prócriação,

envelhecimento e transformação dos alimentos.
Em meio a esta polarização totalizadora irrompem ameaças de transfigurações. Pressões externas que incidem sobre os limites territoriais, que estabelecem alterações nos laços familiares e nas relações de poder e que implicam em rearticulações no universo dos significados. Provocam consequentemente mudanças qualitativas na forma de organização das habitações e na disposição das aldeias.
Em alguns grupos como os Xavante, por exemplo, pode-se detectar que de caçadores e coletores semi-nômades, passam por um processo gradual de sedentarização e de crescimento da atividade agrícola. No que diz respeito às casas, amplia-se um certo "estilo sertanejo" de morar, e altera-se a circularidade. Circularidade que anteriormente era pressuposto da organização formal do espaço da aldeia e "figura ideal para expressar idéias básicas de igualdade". Figura que expressava também uma visão de mundo totalizadora, frente a um cotidiano articulado. Também entre os Bororo houve a quebra desta mesma circularidade, e aqui, resultante fundamentalmente da construção de novas aldeias, tanto por missionários como pela FUNAI. Já entre os Kaipó-Xicrin as mudanças significativas ocorreram na divisão interna do espaço das casas. Há uma tendência à construção de casas menores para agrupar apenas duas famílias, com divisões internas, além de portas e janelas.

Outros exemplos ilustram ainda as transformações das casas e das aldeias. Algumas autoras enfatizam entretanto, que estas mudanças se dão basicamente ao nível da forma assumida pela organização espacial, pois curiosamente "mesmo quando situados em aldeias com casas dispostas em ruas, eles apontavam para as casas como se elas estivessem dispostas em círculo". Ou ainda quando de construções circulares, as casas passaram à forma retangular, "uma disposição especial dos objetos (...) recria internamente uma circularidade" que atesta "a importância simbólica do espaço circular (...) fundamental para o estabelecimento "correto" das relações sociais".
Frente a este quadro de permanências e transfigurações, é fundamental a existência de trabalhos que procurem detectar, no estudo da organização espacial, um ponto de referência para a elaboração da identidade indígena, já que a casa e a aldeia, ao localizarem os índios em um determinado espaço, estão contribuindo para o complexo processo de construção de sua identidade. Construção de uma identidade que deve ainda ser ampliada e buscada no interior de uma perspectiva política de preservação da terra, da memória e cultura tribais. Mas uma identidade que sem dúvida perpassa pela incorporação de novos influxos e pelo processo de (re)criação de novos significados.

SILVIA HELENA SIMÕES BORELLI é professora de Antropologia da PUC-SP

Ilustrada

Decifrando um mundo desconhecido